

## Entrevista com Antonio Candido

Jornal da USP  
Ano XV, n. 601 - 17 a 23 de junho de 2002

Disponível em:  
<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp601/pag12.htm>  
Acesso em 16 abr. 2010.

## “Um trabalhador intelectual”

Por Marcello Rollemberg

*Para o professor e crítico Antonio Candido, amigo de décadas de Sérgio Buarque, o historiador sabia reunir imensa erudição e profunda humildade – a característica dos grandes mestres*



O professor Antonio Candido de Melo e Souza, que se aposentou do Departamento de Letras da FFLCH em finais dos anos 70, é um dos últimos representantes de uma geração de intelectuais que marcou profundamente a cultura e a sociedade brasileiras. Nomes como Paulo Emílio Sales Gomes, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado e Sérgio Buarque de Holanda – além do próprio Candido, é claro – são referências obrigatórias quando se tenta compreender melhor o Brasil dos últimos 50, 60 anos. E todos eram também amigos, daqueles de conviveram, estudarem juntos, trabalharem e farrearem juntos. Nesta entrevista exclusiva ao Jornal da USP, Antonio Candido relembra sua amizade de muitos anos com Sérgio Buarque e fala das duas

facetas marcantes do historiador centenário: o intelectual e o brincalhão.

**Jornal da USP** – Quem foi Sérgio Buarque de Holanda?

**Antonio Candido** – Sérgio Buarque de Holanda foi dos homens mais interessantes que eu vi na minha vida, por causa das qualidades aparentemente contraditórias.

**JUSP** – Quais seriam elas?

**Candido** – Um homem de uma capacidade de reflexão, de concentração fora do comum e um grande boêmio. Um homem que encarava os problemas com uma seriedade, como eu tenho visto poucas pessoas encararem, e extremamente moleque. Um grande gozador. Vou contar um exemplo que hoje não é mais segredo. Ele, jovem na Alemanha, teve um filho com uma moça alemã. Ele veio embora para cá e o filho ficou por lá. Mais tarde, muito tempo depois, tentaram localizar o rapaz, mas não conseguiram. E Sérgio sempre teve aquele jeito estrangeiro. Então, perguntavam: “Professor, o senhor é filho de alemão?”. E ele respondia: “Não, sou pai de alemão”.

**JUSP** – Que outras histórias poderiam caracterizar esse lado “brincalhão” dele?

**Candido** – Quando ele fez 60 anos, houve uma grande festa nasua casa, na rua Buri. Fernando Henrique estava lá e se divertiu muito. Numa certa hora, nós já tínhamos tomado lá uns tantos uísques, o Sérgio Buarque começou a cantar uma música alemã da qual ele gostava muito. Então, de repente, ele falou: “Vamos dançar” e nós improvisamos um balé. Lá estávamos nós – Sérgio com 60 anos, eu com 44 – nos pondo a dançar e cantar ali no meio da sala. Quando eu olho, vejo sentados três jovens professores da faculdade, discípulos dele, estarrecidos com o doutor Sérgio. Era o grande historiador, o mestre deles, dançando, fazendo um balé com Antonio **Candido**, ali, no meio de uma festa. Sérgio tinha uma imaginação fantástica. Fazia brincadeira, fazia piada...

**JUSP** – E era, ao mesmo tempo, um pensador agudíssimo do Brasil, não é?

**Candido** – Era um grande trabalhador intelectual. Um homem de uma cultura imensa. Eu não sei se eu já vi alguém mais culto que Sérgio Buarque de Holanda. Veja que eu vivo num meio de gente culta, brasileiros e estrangeiros, e eu não sei se conheci alguém mais culto que Sérgio.

**JUSP** –E ele não fazia questão de transparecer essa cultura.

**Candido** – Não. Escreveu relativamente pouco. Seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, foi publicado quando ele tinha 34 anos. Você imagina o escândalo. O segundo livro foi *Monções*, escrito aos 41, 42 anos. Depois, o tempo passou e ele só foi publicar outro livro com 54 anos. Era um homem desinteressado, totalmente desinteressado. Não fazia questão de aparecer, não fazia questão de ter títulos. Ele não tinha aquela vaidade patológica do Gilberto Freyre, por exemplo. Jamais.

**JUSP** - Sérgio, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. foram os primeiros grandes observadores do Brasil, não é verdade?

**Candido** - É, na nossa geração foram os três. É isso que eu digo: são os contrastes de Sérgio Buarque. Ele estava sempre pronto para estudar, para pesquisar, mas também para ir a uma boate, para ir a um bar, a uma festa, para sair de casa, para jantar fora, tudo. Era só telefonar, ele ia atrás. E gostava muito de ouvir fofoca. Uma jovem assistente dele da faculdade me contou que ele ficava zangado quando ela não telefonava para ele depois que ele se aposentou, porque queria saber das fofocas da faculdade. Depois Sérgio me contava e eu falava: “não quero ouvir”.

**JUSP** – E ele era um grande crítico literário também, não é?

**Candido** – Um grande crítico. A meu ver, o maior crítico literário brasileiro do século 20. Sem dúvida nenhuma. Mas não tinha coluna fixa, não exerceu a crítica assiduamente. Mas há pouco tempo o Antonio Arnoni Prado reuniu essas críticas em dois volumes [publicados pela Cia. das Letras, N.R.]. O Arnoni trabalhou sete anos nesses volumes. O Sérgio era um grande crítico literário e um grande historiador.

**JUSP** - O senhor acha que Sérgio Buarque de Holanda é suficientemente valorizado no Brasil?

**Candido** - Olha, eu acho que é. Você vê agora o centenário dele, está correndo gente de todo lado para organizar, fazer coisas. Mas ele nunca fez propaganda de si mesmo. Menos propaganda do que ele, só o Caio Prado, que não fazia propaganda nenhuma. O Caio era, sobretudo, um militante. O Sérgio, não. Ele era um homem que tinha um gosto de viver extraordinário. Gostava de comer bem, gostava de beber – e bebia muito –, gostava de vinho, gostava de uísque, gostava de anedota, de piada, de rir,

gostava de conversa. À noite ele gostava de conversar. À noite ele não estudava.

**JUSP** – Ele estudava a que horas?

**Candido** – Ele acordava geralmente muito tarde. Ele acordava lá pelo meio dia, uma hora da tarde, aí ele comia uma canjica e estudava até oito, nove horas da noite. Depois disso, conversava com os amigos até uma, duas horas da manhã.

**JUSP** – E como era a relação dele com os alunos?

**Candido** – Ele fazia muita questão de dar assistência aos alunos. Ele recebia muitos estudantes em casa. Era muito sociável e isso para os alunos era ótimo. Iam à noite à casa dele e ele conversava, se dava, emprestava livro, segurava o aluno até tarde, ele gostava muito de conversar. Ele era um homem muito humano. De modo que ele era, realmente, uma personalidade rara. Interessante é que quando ele falava de coisas intelectuais, acabava a piada. Inclusive a cara dele ficava séria. Aí ele começava a falar com muito conhecimento, mas não gostava de parecer sábio, de parecer erudito.

**JUSP** – Como Sérgio Buarque entrou na USP?

**Candido** – É muito curioso. O professor de História da Civilização Brasileira na USP era o Alfredo Hélio, que ficou com uma grave doença nervosa, de coordenação, e teve que ser substituído. O Sérgio Buarque era diretor do Museu Paulista e professor de História Social do Brasil no curso de mestrado da Escola de Sociologia e Política. Aí o Lourival Gomes Machado disse: “Vamos convidar o Sérgio Buarque de Holanda”. Não sei se os historiadores receberam bem a sugestão, mas acabaram aceitando. O Sérgio não era da casa e o pessoal da História era sempre muito de panela.

**JUSP** – Mas ele já era diretor do museu?

**Candido** – Era diretor do museu desde 46. Isso se passa em 56, 57. Aí o Sérgio foi e começou a dar as aulas, mas precisava fazer a tese, não é? Prestar concurso. Foi nesse momento que ele escreveu, em um ano de trabalho insano – diz Maria Amélia que alterou, inclusive, o ritmo de sono dele –, seu monumento, sua obra-prima, que é Visão do Paraíso. A Gilda [de Melo e Souza, mulher de Antonio Candido, N.R.] assistiu ao concurso dele. Eu era professor em Assis e diz que o pessoal de história ficou um pouco enciumado. E uma das coisas mais importantes que ele fez na USP foi criar o Instituto de Estudos Brasileiros. Ele, como

figura humana, era um homem exemplar. Ele era um homem de uma lealdade absoluta, de uma grande coragem moral.